

---

## HISTÓRIA, TRABALHO E EDUCAÇÃO.

– Editorial –

Elza Margarida de Mendonça Peixoto

Este número de *Germinal: Marxismo e Educação em Debate* foi projetado para enfrentar as polêmicas no âmbito da temática “trabalho e educação”. Com este fim, convidamos a compor a seção *Debate* Dermeval Saviani, Gaudêncio Frigotto, Sergio Lessa, Paulo Tumolo e Ivo Tonet. O projeto esbarrou, entretanto, no acirramento da crise do capital que demanda mobilizações e posicionamentos dos expoentes do pensamento marxista no Brasil, e em uma pesada agenda imposta pela intensificação do trabalho docente entre os quais se encontram os sujeitos desta contenda. Fomos obrigados a alterar o projeto de reunir estes debatedores em um único número, sem deixar de trazer para nossos leitores uma das posições que se movimentam neste debate. Assim, o primeiro e único artigo da seção *Debate*, neste número, traz a posição de Dermeval Saviani, acerca da problemática *História, Trabalho e Educação*.

O artigo do professor Saviani traz o título “*História, trabalho e educação: comentário sobre as controvérsias internas ao campo marxista*”, no qual o educador enfrenta o problema da contribuição das *divergências interpretativas* para o avanço das consciências e para a luta revolucionária. Recuperando as controvérsias internas ao marxismo travadas por Marx, Engels, Lenin e Gramsci nas mais variadas conjunturas, o Professor Saviani observa: (a) que os clássicos sempre explicitaram o foco da contenda, fazendo-a sob os princípios da “diferenciação entre a perspectiva proletária e aquela dos burgueses e pequeno-burgueses progressistas” e com o firme propósito de “união entre as forças que buscam expressar e fazer avançar a luta dos trabalhadores”; (b) que, historicamente, “não foram tão significativos os avanços teóricos provocados pelos confrontos de ideias entre os marxistas” e que “a luta revolucionária mais perdeu do que ganhou”. Frente a este quadro, Saviani convida:

Em suma, penso que os esforços que devemos fazer, nós, que integramos o campo marxista, é cerrarmos fileiras unidos em torno da luta pela transformação desta sociedade distinguindo claramente a perspectiva proletária daquela dos burgueses e pequenos burgueses progressistas. Nesse empenho cabe-nos considerar nossas diferenças explorando aspectos distintos da teoria marxista e das estratégias de luta, porém fazendo-as convergir sempre para o objetivo do reforço de nossa união na árdua luta que travamos contra as forças dominantes da sociedade capitalista.

Em perspectiva histórica e revolucionária, Saviani alerta: “não se justifica a criação de tantos partidos de esquerda e, menos ainda, de tantos partidos marxistas”. Sob este eixo, analisando o debate em torno da precisão conceitual na abordagem do trabalho, posto por Lessa e Tumolo, Saviani retoma a articulação entre história, trabalho e educação, recuperando a centralidade da história para o marxismo que vê o homem e todo o mundo humano como produto do ato contínuo de produzir sua própria existência pelo trabalho. Retoma a exposição de Marx que explica o trabalho em geral, como produtor de valores de

uso e na forma como se apresenta no capitalismo, como produtor de mais valia. Destaca a centralidade do trabalho para o marxismo e para o debate clássico, no âmbito do marxismo, sobre o problema da educação, na medida em que “o trabalho, enquanto elemento fundante e determinante da vida humana em seu conjunto é, por consequência, fundante e determinante da educação”. Acentua: “sem se considerar o trabalho e a forma concreta pela qual ele define o modo de produção da vida humana numa situação histórica determinada, não será possível entender a forma assumida pela educação na referida situação histórica”. Explicitando a questão teórica por trás do debate, com primor teórico e pedagógico, Saviani revisa passagens de *O capital* para demonstrar que “para Marx, a forma assumida pelo trabalho produtivo sobre a base da indústria moderna erige-se como o princípio educativo da sociedade capitalista determinando, portanto, tanto o seu desenvolvimento como se constituindo, contraditoriamente, em ‘fermentos de transformação’ e em ‘germes da educação do futuro’”. Enfocando a questão estratégica, pontua que tomar o trabalho como “princípio educativo significa tomá-lo como referência para se organizar a educação de maneira contra-hegemônica procurando articulá-la com o movimento revolucionário de superação do capitalismo”. Por fim, expõe o projeto de organizar o sistema nacional de ensino à luz do trabalho como princípio educativo.

Para a entrevista deste número, trazemos as contribuições de Edmundo Fernandes Dias, que reflete sobre os desafios para a educação em uma conjuntura de crise e conflitos, marcada pela burocratização dos organismos – sindicatos e partidos – fundados pelas “classes subalternas”. O autor, entretanto, destaca: há movimento. Trabalhando a distinção entre educação “voltada para a classe” e “educação de classe”, nega a primeira, defendendo a segunda, na qual “a experiência da classe ganha uma dimensão marcada pelas condições estruturadas no modo de produção capitalista”. Trata-se de trabalhar a construção de uma nova sociabilidade comunista ombreados com as classes subalternas na produção de uma sociedade comunista. Dias defende: “Há que romper com o determinismo. Por isso faz-se necessário conhecer a vida e as lutas dos trabalhadores. Do mesmo modo temos que entender e praticar a hegemonia articulando-a com a educação (seja na família, na escola, no trabalho, na política), ver como o modo de vida atua inibindo ou possibilitando a construção de uma nova sociabilidade”.

Entre os *Artigos* dos convidados, reunimos neste número contribuições de Manoel Nelito Matheus Nascimento, que discute as relações entre *História, trabalho e educação no Brasil: (e) os primórdios da educação profissional*. Expondo resultados de pesquisa de doutoramento, apresenta-nos “o processo de qualificação da força de trabalho tendo como referência as transformações das relações de produção na fase da transição da produção manufatureira para a industrial, nas últimas décadas do século XIX e nas iniciais do século XX”. Paulino José Orso discute em perspectiva histórica as relações entre *Classe trabalhadora, o surgimento da consciência de classe e a educação*, apresentando-nos uma síntese de exposição feita durante as videoconferências organizadas pelo Grupo HISTEDBR/UNICAMP, na qual “aborda os ensaios feitos pela classe trabalhadora em sua longa trajetória até conquistar sua consciência para si”. Luiz Bezerra Neto e Jacqueline Daniela Bastos tratam das relações entre *Marxismo, campo e educação*,

apresentando-nos “o processo de acumulação primitiva, que expulsou o homem da terra o obrigando a vender sua força de trabalho nas grandes cidades industriais”.

Entre os *Artigos* que responderam à chamada pública, temos Denize Kaminski Ferreira que discute *Educação, trabalho e suas mediações ao longo da história da humanidade nos diferentes modos de produção da existência*. Luciane Francielli Maroneze e Angela Mara de Barros Lara trazem *A precarização do trabalho docente no contexto da reorganização capitalista e das mudanças na legislação educacional brasileira pós 1990*. Cláudio Félix dos Santos e Marta Dourado Viana debatem *A teoria do professor reflexivo: os equívocos da identidade entre ensino e pesquisa na formação docente*, e João Bomfim Jóia Pereira traz o *Materialismo histórico-dialético: (e as) contribuições para a teoria histórico-cultural e a pedagogia histórico-crítica*. Por fim, Rodrigo Moreira Vieira discute a *Apropriação estratégica e ideológica do fluxo ascendente da mobilidade social na motivação profissional: (como) uma dimensão de cooptação dos trabalhadores*.

Na seção *Clássicos*, reproduzimos a *Introdução* e as *Notas* de Roger Dangeville à obra *Crítica da educação e do ensino – Karl Marx e Friedrich Engels*. A obra, caracterizada pela exposição de excertos da obra de Marx e Engels que referem-se ao problema da educação e do ensino. Dangeville reúne estas passagens, articulando-as em uma análise em que interpreta a posição de Marx e Engels sobre a crítica do capitalismo e nela, a crítica da forma do trabalho e da apropriação privada do tempo livre e da educação.

Na seção *Resenhas*, trazem contribuições Flávio Melo, que resenha *A prática pedagógica Histórico-Crítica* de autoria de Ana Carolina Galvão Marsiglia; e Diogo Roiz que resenha a obra *Franz Kafka: sonhador insubmisso*, de Michael Löwy.

Por fim, demonstrando a proficuidade do marxismo, jovens pesquisadores divulgam em *Germinal* suas Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado: William José Lordelo, Valdete Aparecida Veiga Moraes, Joelma de Oliveira Albuquerque e Carolina Nozella Gama.

Finalizamos esta edição de *Germinal* com olhos atentos para as mobilizações e greves que se espalham pelo Brasil e pelo mundo. Na Europa, a população levanta contra as reformas que retiram direitos com vistas a permitir ao capital o fôlego para resistir à crise estrutural. No Brasil, desde o início do ano, greves de diversos segmentos de trabalhadores anunciam o descontentamento com o achatamento dos salários e o desmonte dos serviços públicos, destacando-se os professores do Ensino Superior (51 IFES em greve) e da Educação Básica (professores de SC, PR, PI, SP, BA, PB, CE, SE, AP, DF entram em greve na luta pelo cumprimento da Lei do Piso Salarial, pela preservação dos salários e condições de trabalho). Sob estas condições históricas urge que assumamos o firme propósito de construir a unidade da classe trabalhadora na luta contra o capital em sua fase especulativa altamente destrutiva das forças produtivas. Os intelectuais são chamados a ultrapassar contendas secundárias e a somar-se no esforço de reorganização da classe trabalhadora em torno de um projeto superador da ordem capitalista, o que exige atenção continuada ao movimento da correlação de forças em todo o mundo! Uma tarefa que exige fôlego e atenção concentrada.